

**A SECULARIZAÇÃO MODERNA E PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS DO
REAVIVAMENTO DO FENÔMENO RELIGIOSO NA
CONTEMPORANEIDADE**

[MODERN SECULARIZATION AND PHILOSOPHICAL PERSPECTIVES OF THE
REVIVAL OF THE RELIGIOUS PHENOMENON IN CONTEMPORARY TIME]

Renato Almeida de Oliveira

renato_oliveira@uvanet.br

<https://orcid.org/0000-0003-4524-2014>

*Doutor em Filosofia. Professor Adjunto do Curso de Filosofia e do Mestrado Acadêmico em Filosofia da
Universidade Estadual Vale do Acaraú.*

DOI: [10.25244/tf.v16i1.5493](https://doi.org/10.25244/tf.v16i1.5493)

Recebido em: 21 de março de 2023. Aprovado em: 10 de maio de 2023

Caicó, ano 16, n. 1, 2023, p. 107-123

ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v16i1.5493](https://doi.org/10.25244/tf.v16i1.5493)

Dossiê Ética e Cidadania



A secularização moderna e perspectivas filosóficas do reavivamento
do fenômeno religioso na contemporaneidade

ALMEIDA DE OLIVEIRA, Renato

Resumo: O processo de secularização foi desencadeado na modernidade e teve como característica principal a transformação das instituições e das ações humanas individuais, que passaram de uma fundamentação ancorada na esfera sagrada, transcendente, para uma legitimação em termos laicos, seculares. Uma questão, no entanto, com um grau de importância ainda maior para nosso tempo, e que está relacionada com a secularização, é o fenômeno do retorno do religioso na sociedade contemporânea. O que podemos observar é que a secularização não suprimiu a religião de modo completo, como muitos teóricos modernos pensavam. É nesse sentido que falamos de um retorno do religioso hoje, ou seja, a religião (e/ou a religiosidade) passa a ocupar um espaço importante na vida particular dos indivíduos, moldando suas visões de mundo e seus comportamentos, o que tem fortes impactos na esfera pública. Ao contrário do que se esperava, a secularização abriu espaço à proliferação de um grande número de manifestações e seitas religiosas. É partindo desta constatação que pretendo contribuir com o debate contemporâneo sobre o fenômeno religioso, trazendo à reflexão as ideias de Luc Ferry e Gianni Vattimo.

Palavras-chave: Secularização. Fenômeno religioso. Luc Ferry. Vattimo.

Abstract: The secularization process was triggered in modernity and its main characteristic was the transformation of institutions and individual human actions, which went from a foundation anchored in the sacred, transcendent sphere, to a legitimation in secular, secular terms. An issue, however, with an even greater degree of importance for our time, and which is related to secularization, is the phenomenon of the return of the religious in contemporary society. What we can observe is that secularization did not suppress religion completely, as many modern theorists thought. It is in this sense that we speak of a return of the religious today, that is, religion (and/or religiosity) begins to occupy an important space in the private lives of individuals, shaping their world views and behaviors, which has strong impacts in the public sphere. Contrary to what was expected, secularization opened space for the proliferation of a large number of religious manifestations and sects. It is based on this observation that I intend to contribute to the contemporary debate on the religious phenomenon, bringing to reflection the ideas of Luc Ferry and Gianni Vattimo.

Keywords: Secularization. Religious phenomenon. Luc Ferry. Vattimo.

A secularização moderna e perspectivas filosóficas do reavivamento do fenômeno religioso na contemporaneidade

ALMEIDA DE OLIVEIRA, Renato

INTRODUÇÃO

O processo de secularização foi desencadeado na modernidade teve como característica principal a transformação das instituições e das ações humanas individuais, que passaram de uma fundamentação ancorada na esfera sagrada, transcendente, para uma legitimação em termos laicos, seculares. Como diz Charles Taylor (2012, p. 159), a partir do século XVII e seguindo até nossos dias, “uma nova possibilidade surgiu gradualmente – uma concepção da vida social na qual o ‘secular’ era tudo o que havia [...] O secular era, em seu novo sentido, oposto a qualquer reivindicação feita em nome de algo transcendente a este mundo e seus interesses”.

O homem moderno, que se via como senhor de si, não sentia a necessidade de um ser extramundano que desse sentido à sua existência, que fosse a causa, a razão, da sua vida. Esse longo processo de conquista de autonomia forjou o modo como nos compreendemos hoje, homens da razão, dos negócios “terrenos”. No campo da política foi instituído o Estado laico, politicamente emancipado, um Estado no qual o cidadão sobressaía ao ser religioso do homem, a liberdade e a igualdade terrenas têm maior importância e urgência do que a “liberdade dos filhos de Deus”, alcançada na vida eterna. Enfim, a religião passou a ser vista como um empecilho ao desenvolvimento da humanidade, como algo de seres primitivos, dessintonizados com o seu tempo. Já não mais poderia se admitir que a religião estivesse no primeiro plano da vida humana. Caso o homem quisesse cultuar seus deuses, participar de assembleias religiosas, que ele o fizesse como assunto estritamente privado, mas que seus valores e crenças religiosas não interferissem na convivência com os demais, nem fosse motivo para qualquer forma de segregação ou fundamento para atos violentos.

Uma questão, no entanto, com um grau de importância ainda maior para nosso tempo, e que está relacionada com a secularização, é o fenômeno do retorno do religioso na sociedade contemporânea.

O que podemos observar contemporaneamente é que a secularização não suprimiu a religião de modo completo, como muitos teóricos modernos pensavam. Esperava-se que a religião não tivesse mais sentido algum para os homens. Porém, quando o processo de secularização começou a se consolidar, a religião foi moldando-se a esse processo. Na medida em que ia perdendo espaço na esfera pública, ela procurou ocupar os meandros da vida privada dos indivíduos. Nesse sentido, não ocorreu propriamente um perecimento da religião, pois, de uma maneira conjuntural, ela sempre esteve presente na vida humana. Contudo, essa presença perdeu seu aparato institucional, ou seja, não era mais sentida pela aparência das instituições religiosas tradicionais (notadamente a Igreja Católica)¹. A presença da religião no mundo secularizado se fez sentir numa multiplicidade de formas religiosas particularizadas. Houve, assim, uma metamorfose da religião, ou seja, a secularização, em última análise, fomentou uma reorganização do fenômeno religioso, resultando numa difusão, numa expansão, da religião. É nesse sentido que falamos de um retorno do religioso hoje, ou seja, a religião (e/ou a religiosidade) passa a ocupar um espaço importante na vida particular dos indivíduos, moldando suas visões de mundo e seus comportamentos. Ao

¹ Isso não significa dizer que as religiões tradicionais (cristianismo, católico e protestante, islamismo, judaísmo, entre outras) tenham perdido sua força e sua presença social. Podemos observar o crescimento dessas religiões em diversos segmentos. No entanto, o que testemunhamos de uma maneira geral é que os indivíduos acham-se mais propensos a vivenciar uma forma de religiosidade menos exigente, mais intimista, que, em muitos aspectos, não encontram nas religiões tradicionais.

A secularização moderna e perspectivas filosóficas do reavivamento do fenômeno religioso na contemporaneidade

ALMEIDA DE OLIVEIRA, Renato

contrário do que se esperava, a secularização abriu espaço à proliferação de um grande número de manifestações e seitas religiosas.

Não temos, neste artigo, a pretensão de esgotar o assunto, fechá-lo em uma posição cristalizada tomada como a verdade definitiva. O tema aqui abordado é bastante complexo. O que queremos é contribuir com o debate contemporâneo, inserindo novos elementos que possam nos ajudar a pensar o fenômeno religioso hoje.

1 A CRÍTICA MODERNA À RELIGIÃO E O PROCESSO DE SECULARIZAÇÃO

O iluminismo foi o limiar de uma nova forma de conceber o papel do homem no mundo e sua relação com a religião. Foi um movimento de ideias que afetou decisivamente os diversos campos da vida humana: o político, o social, o econômico, o cultural, o filosófico, entre outros. A ideia fundamental do iluminismo era a de que a vida humana deveria assentar-se nas luzes da razão, ou seja, que a razão, e todas as suas prerrogativas, fosse a legitimadora de todas as ações e pensamentos humanos. Nenhum ser extramundano, fora da realidade humana, deveria ditar, heteronomamente, o modo como os indivíduos deveriam agir, mas apenas a sua razão autônoma.

O iluminismo afetou profundamente a consciência religiosa do povo europeu do século XVII e, conseqüentemente, reverberou, ao mesmo tempo e com a mesma intensidade, na vida política e social. Há um triunfo do espírito racionalista que trouxe consigo o sentimento de impossibilidade de manter as superstições, as crenças, os dogmas, das eras precedentes. Desse modo, se enfraquecia a cultura que estava habituada a identificar a história do mundo com a história judaico-cristã ante o rápido avanço da experiência sempre mais numerosa e precisa da observação científica.

Esse enfraquecimento do cristianismo não significou, no entanto, o fim da cultura e do pensamento religioso.

[...] é claro que a pura e simples defesa das rígidas posições dogmáticas ficava sempre mais difícil. Isso não significa que se abolisse na cultura da época o interesse pelos problemas religiosos [...] eles, porém, tendiam a assumir formas novas, visando conciliar a religião com a nova visão da ciência e da filosofia (GEYMONAT, 1975, p. 24. Tradução nossa).

O pensamento iluminista mostrava-se, por conseguinte, sempre mais incompatível, contrário, aos dogmas religiosos. Toda e qualquer coisa que não viesse a ser atestado pela razão, que contradissesse a experiência sensível, o saber científico, era rechaçado como parte não integrante de um livre pensar, autônomo, único, segundo os iluministas, capaz de emancipar o homem.

A secularização moderna e perspectivas filosóficas do reavivamento do fenômeno religioso na contemporaneidade

ALMEIDA DE OLIVEIRA, Renato

Entre os séculos XVII e XVIII a admiração pelo desenvolvimento das ciências e, em particular por Newton, era imensa, assim como era vivíssimo o interesse pelas descobertas geográficas e pelas novas culturas que se vinha a saber existentes desde os tempos antigos (como a chinesa). Próprio dessa admiração pela razão, tornava-se sempre mais difícil aceitar sem conflitos uma religião como a cristã que, também nas confissões reformadas, estava repleta de superstições nascidas em séculos bárbaros. As descobertas astronômicas e geográficas removeram toda a autoridade científica da Bíblia; as descobertas geográficas tolheram inexoravelmente toda autoridade moral. A velha fórmula escolástica, segundo a qual era verdadeiro “*quod semper, quod ubique, quod ab omnibus*”, estava manifestamente insustentável quando o *ubique* era extenso ao infinito; quando o *semper* não era mais os cinco mil anos bíblicos do dia da criação, mas milhões de anos, como a geologia demonstrara; quando os *omnes* não eram mais apenas os cristãos, mas os turcos e os árabes, que tiveram consciência da mensagem evangélica, mas a rejeitaram, mas também os civilizados chineses ou os aborígenes americanos, africanos e australianos [...] Como conciliar com a ideia de um Deus justo o dogma segundo o qual quem não acreditasse em Cristo estaria condenado, quando era evidente que a grande maioria da humanidade não poderia o ter conhecido? Os velhos dogmas, sejam católicos ou protestantes, sobre o pecado original, sobre a salvação e sobre a condenação, não poderiam deixar de aparecer – a um número sempre maior de pessoas – substancialmente incompatíveis com a ideia de um Deus justo e racional, isso com a mesma razão. (GEYMONAT, 1975, p. 28. Tradução nossa. Grifos do autor).

O pensamento iluminista, desse modo, conseguia enfraquecer as pretensões da teologia em ser um saber de primeira ordem, deslocando a questão filosófica de Deus para o mundo. Havia uma efervescente ebulição filosófica e científica. Contudo, os intelectuais dessa época não eram apenas autores de grandes tratados teóricos, mas homens práticos, engajados no cotidiano, na vida social e política, autores e atores da cultura. “A razão cujo testemunho invoca não é mais a encarnação neste mundo do entendimento de Deus; é o poder crítico [...] que se interessa por todas as atividades sociais”, que contesta um mau processo, que critica as doutrinas passadas e que, simultaneamente, descreve “a maneira de construir um barco ou uma casa” (CHATELET, 1974, p. 15). Era uma época de cidadãos atuantes e, ao mesmo tempo, de homens de reflexão, que se constituíam distantes da crença religiosa.

Podemos dizer que a marca registrada do iluminismo é a ideia do *esclarecimento* (*Aufklärung*), do pensamento autônomo. A conquista de um pensamento esclarecido foi bem definida por Immanuel Kant em seu texto intitulado *Was ist Aufklärung?* (1784). Para Kant, o esclarecimento (ou o espírito do iluminismo) significa:

[...] a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem se *servir-se de si mesmo* sem a direção de outrem. *Sapere Aude!* Tem coragem de fazer uso do teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [*“Aufklärung”*] (KANT, 1985, p. 100. Grifos do autor).

**A secularização moderna e perspectivas filosóficas do reavivamento
do fenômeno religioso na contemporaneidade**

ALMEIDA DE OLIVEIRA, Renato

O esclarecimento era o grito de rebeldia contra as cadeias do dogmatismo religioso, contra toda e qualquer forma de heteronomia, que pusesse o homem sob o jugo de qualquer poder externo a ele. De uma maneira geral, esse esclarecimento, essa emancipação do saber, essa ousadia em conhecer (*sapere aude*) marcou o iluminismo e estabeleceu claramente uma postura antirreligiosa, pois se via na religião explicitamente o espírito do dogmatismo, esse grilhão que mantém os homens numa perpétua menoridade (Cf. KANT, 1985, p. 102).

Desse modo, a vida natural do homem se afastava de toda influência religiosa e apoiava-se, exclusivamente, sobre fatos observáveis e sobre os princípios experimentais da física. O religioso, por sua vez, observava a natureza e asseverava que ela emanara das mãos do criador. Contrariamente ao pensamento iluminista, o pensamento religioso limita a liberdade humana à concordância com a vontade divina, ou seja, com as intenções que Deus poderia ter tido ao criar os seres vivos. Os iluministas, nesse ínterim, não deixavam espaço para que na natureza houvesse o acaso ou a providência divina. A natureza é ela mesma, em sua materialidade. Ela é capaz de proceder por si mesma, em uma sucessão infinita de combinações possíveis. É a vida engendrando vida.

Quanto ao estudo do homem, os iluministas, em um primeiro momento, procuravam livrá-lo do dualismo religioso entre corpo e alma e compreendê-lo a partir de um monismo sensualista. O homem nada mais é do que um ser de sensações. Essa era, por exemplo, a perspectiva de Condillac, para quem o homem é o conjunto das sensações presentes e das sensações conservadas. Afirma ele no seu *Tratado das Sensações* (1754):

Perceber ou sentir essas duas sensações é a mesma coisa: ora esse sentimento toma o nome de *sensação*, assim que a impressão se faz atualmente sobre os nossos sentidos, ora toma o nome de *memória*, assim que esta sensação que não se faz atualmente se nos oferece como uma sensação que se fez. A memória não é, pois, mais do que a sensação transformada (CONDILLAC, 1984a, p. 49).

A partir daí ocorre uma guinada antropológica, na qual o homem perde sua aura celestial e assume a couraça da sensibilidade, da corporeidade. Essa guinada antropológica trouxe consigo uma reviravolta no campo da epistemologia, entendendo-se agora que todo conhecimento só pode ser adquirido pela combinação das sensações. Condillac (1984a, p. 45), ainda no seu *Tratado das Sensações*, confirma essa nova perspectiva, afirmando que “todos os nossos conhecimentos e todas as nossas faculdades vêm dos sentidos, ou para falar mais exatamente, das sensações”. Desse modo, assim como o homem, a problemática do conhecimento emancipa-se com relação à religião e à metafísica, restando a pura relação entre um sujeito sensível e um objeto igualmente sensível. Apenas nesta perspectiva é possível formar um saber sistemático e rigoroso. “Concluamos, portanto, que não podemos formar verdadeiros sistemas senão nos casos dos quais temos observações suficientes para perceber o encadeamento dos fenômenos [...] Tudo consiste, portanto, [...] em explicar os fatos pelos fatos” (CONDILLAC, 1984b, p. 37-38).

Essa guinada ao homem como ser de sensações terá, além do campo epistemológico, como acabamos de ver, fortes implicações nos campos da moral e da política. Aqui o homem tornara-se senhor de si, o único capaz de criar as condições de sua felicidade e realização integral. “Para o

**A secularização moderna e perspectivas filosóficas do reavivamento
do fenômeno religioso na contemporaneidade**

ALMEIDA DE OLIVEIRA, Renato

pensamento iluminista, o progresso do conhecimento era inseparável da libertação dos espíritos no exercício da razão, que tornava manifesta a necessidade de mudanças sociais e políticas” (PATY, 2005, p. 34).

Tornavam-se, portanto, cada vez mais insustentáveis, diante das novas descobertas científicas, nos campos da astronomia, geologia, geografia, antropologia etc., os dogmas religiosos. A humanidade caminhava a passos largos para a secularização, onde a religião não teria mais o poder absoluto para determinar os princípios da vida humana. As descobertas, os desenvolvimentos conceituais iluministas, chocavam-se com o que pensava e ditava a Igreja. De forma contundente, o pensamento filosófico contribuiu para que esse processo de secularização, fosse, inicialmente, através do racionalismo, idealista ou empirista, e pouco tempo depois, através do materialismo, se consolidando. Diversos pensadores teceram ferrenhas críticas à religião estabelecida. Os filósofos “se chocaram contra um poder repressivo que pretendia constrangê-los ao silêncio [...] e a uma ideologia que se aferrava a sistemas metafísicos caducos ou a uma interpretação literal da revelação” (CHÂTELET, 1974, p. 103).

A modernidade, portanto, com a sua forte crítica à religião, fundou uma visão de mundo marcada pelo racionalismo, que influenciou os diversos campos da vida humana, mexendo com os valores, os princípios, e as ações dos *sujeitos*. Foi uma verdadeira revolução, uma quebra das estruturas fundamentais que organizavam a existência dos homens. Deus foi afastado do mundo e o processo de secularização, de desencantamento, se consolidava a passos largos.

A partir de uma análise mais metódica sobre a secularização, Charles Taylor procura, em sua obra *A Secular Age* (2007), dar um sentido mais sistemático a essa ideia genérica de secularização, explicitando três sentidos que, embora com conotações distintas, encontram-se imbricados. Primeiramente, a secularização está relacionada às instituições da esfera pública, dentre elas o Estado. Em outros termos, nesse primeiro sentido, secularização significa a separação entre Estado e religião, o primeiro como instância reguladora máxima da esfera pública, a segunda sendo relegada à esfera privada. Nas palavras de Taylor (2010, p. 13),

[...] embora a organização política de todas as sociedades pré-modernas estivesse de algum modo conectada a, embasada em ou garantida por alguma fé em, ou compromisso com Deus, ou com alguma noção de realidade derradeira, o Estado ocidental moderno está livre dessa conexão. As igrejas encontram-se hoje separadas das estruturas políticas [...] A religião, ou a sua ausência, consiste em grande medida numa questão privada.

Essa secularização em termos de esfera pública, ou seja, do esvaziamento dos espaços coletivos (política, economia, cultura, educação etc.) da presença de Deus, é o que Peter Berger (1985), por sua vez, denominou de *secularização objetiva*.

Num segundo sentido, Taylor fala de secularização como abandono das crenças, das convicções e práticas religiosas. Isso quer dizer que em nossa sociedade secularizada, as pessoas estão “se afastando de Deus e não mais frequentando a igreja” (TAYLOR, 2012, p. 15). Esse segundo sentido, Berger (1985) denomina de *secularização subjetiva*.

É interessante destacar a aproximação das ideias de Charles Taylor e Peter Berger no que tange à secularização. Para reforçar essa aproximação, citamos Berger (1985, p. 119-120):

A secularização moderna e perspectivas filosóficas do reavivamento do fenômeno religioso na contemporaneidade

ALMEIDA DE OLIVEIRA, Renato

Não é difícil esboçar uma definição simples de secularização para nossos fins. Por secularização entendemos o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. Quando falamos sobre a história ocidental moderna, a secularização manifesta-se na retirada das Igrejas cristãs de áreas que antes estavam sob seu controle e influência: separação da igreja e do Estado, expropriação das terras da Igreja, ou emancipação da educação do poder eclesiástico, por exemplo [...] mais ainda, subentende-se aqui que a secularização também tem um lado subjetivo. Assim como há uma secularização da sociedade e da cultura, também há uma secularização da consciência. Isso significa, simplificando, que o Ocidente moderno tem produzido um número crescente de indivíduos que encaram o mundo e suas próprias vidas sem recurso às interpretações religiosas.

Contudo, ainda que exista uma aproximação entre os dois teóricos da secularização, Taylor se debruça sobre um terceiro sentido, não atentado por Berger, embora esse terceiro sentido esteja intimamente ligado aos dois anteriores. Ele diz respeito à mudança da postura dos indivíduos em relação à fé. “A mudança para a secularidade nesse sentido consiste, entre outras coisas, na passagem de uma sociedade em que a fé em Deus é inquestionável e, de fato, não problemática, para uma na qual a fé é entendida como uma opção entre outras...” (TAYLOR, 2010, p. 15).

Ao comentar a secularização, Peter Berger (1985, p. 119) afirma que esta foi alavancada por três fatores principais: 1) a *individualização*, a partir da qual a religião torna-se assunto privado e, desse modo, é algo que diz respeito às escolhas individuais; 2) o *pluralismo*, que é uma consequência da individualização e gera, por sua vez, uma proliferação das mais diversas formas de crenças religiosas; 3) a *situação de mercado*, à medida em que as religiões procuram, cada uma à sua maneira, agregar fiéis que comunguem de suas crenças. Esses três fatores reconfiguraram a forma como as pessoas se relacionavam com a religião e, sem dúvidas, deram um caráter secular a esse relacionamento. Porém, eles não puseram uma condição para a superação da religião. Ao contrário, constituíram um novo panorama da fé religiosa. Sob esse ponto de vista, a secularização representaria um enfraquecimento das instituições religiosas tradicionais, mas, em contrapartida, fortalece a religiosidade individual.

Um novo quadro, contudo, da relação entre secularismo e religião se põe hoje. As manifestações religiosas têm crescido, se alastrado por diversas regiões do planeta e se diversificado. Algo mudou no curso do processo de secularização. O que testemunhamos hoje é um reavivamento do fenômeno religioso, ou como alguns autores preferem denominar, um “reencantamento do mundo”².

Certamente que existem diversas razões que podem explicar o reavivamento das religiões hoje. No entanto, nos limitaremos a apresentar duas perspectivas filosóficas que poderão lançar luzes para pensarmos uma relação salutar entre religião e mundo secular.

² Entre outros autores, destacamos: PIERUCCI, Antônio Flavio. Reencantamento e dessecularização: a propósito ao auto-engano em sociologia da religião. In: *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, n. 49, 1997, pp. 99-119; MAFFESOLI, Michel. El reencantamiento del mundo. In: *Sociológica*. n. 48, 2002; MANDIANES, Manuel. Reencantamiento del mundo. In: *Sociedad y Utopía*. n. 8, 1996, pp. 137-148; MURDOCK, Graham. The re-enchantment of the world: religion and the transformations of modernity. In: HOOVER, Stewart. *Rethinking media, religion and culture*. London: Sage Publications, 2000.

2 PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS DE UMA REAVIVAMENTO DO FENÔMENO RELIGIOSO NA CONTEMPORANEIDADE

O retorno do religioso é uma das manifestações mais notáveis de nossa época. Ele se revela na vida dos indivíduos através de uma busca espiritual que, na maioria dos casos, se dá na forma de uma espiritualidade difusa, sem qualquer vinculação com as religiões tradicionais. É “a era do espiritual fora da Igreja” (LECOMPTE, 2000, p. 11). Esse “reavivamento da fé” se revela ainda na esfera pública, na política, na mídia, na educação etc., o que significa que a religião tem extrapolado a esfera privada, opinando e participando diretamente (e em alguns casos de maneira indireta) de decisões políticas. Vejamos, por exemplo, “a crescente penetração de evangélicos na política nacional, a participação de atores religiosos na elaboração de projetos de lei, bem como a influência e interferência do discurso religioso em debates relacionados com questões de bioética e direitos sexuais e reprodutivos” (RANQUETAT JÚNIOR, 2009, p. 107). Todos os dias somos bombardeados pelo discurso religioso através de programas de rádio e televisão, pela mídia escrita e pela internet. Nas escolas, crianças e jovens são, quase que diariamente, instruídos nas mais diversas doutrinas, sem que seja dada, sequer, a oportunidade a essas crianças e jovens de optar por qualquer religião ou mesmo em não manter nenhuma crença em qualquer divindade. Em escala global, guerras, atentados, crimes, assassinatos, e uma série de atos violentos são cometidos diariamente por motivações religiosas, ou por outras motivações que tenham seus atos também justificados pela religião. Portanto, embora a religião não possua mais o poder hegemônico de moldar a vida social humana de uma maneira geral, nos últimos tempos tem ganhado espaço na esfera pública como forma de reafirmar a sua identidade religiosa frente à sociedade e às instituições seculares.

Ante tudo isso, não há como negar que, contrariando os prognósticos iluministas, a religião, o sagrado, tem ressurgido com muita força em nossa sociedade, é “o sentido humano do sagrado ou do divino, o desejo sepultado de certa transcendência que vem à tona assumindo formas estranhas e, notadamente, as de uma religiosidade mais ou menos irracional e polimorfa...” (LECOMPTE, 2000, p. 15). Portanto, a religião não foi posta fora ou à margem da vida dos indivíduos. Ela tem estado presente, de uma maneira cada vez mais forte e decisiva na vida das pessoas e, além disso, na esfera pública, deixando para trás seu exílio na esfera privada, para onde havia sido relegada com a emancipação política moderna.

Diante do exposto, a principal questão que se põe é: como explicar o retorno do religioso no mundo contemporâneo? Quais fatores estão envolvidos nesse retorno?

Dois filósofos contemporâneos nos ajudam, a partir de perspectivas filosóficas diversas, a compreender o fenômeno religioso na perspectiva levantada neste artigo. Luc Ferry, com sua tese da transcendência na imanência, e Gianni Vattimo, com a ideia do *niilismo* como a autêntica experiência religiosa.

Posto que há um fortalecimento do religioso na contemporaneidade, é fundamental que seja explicitado como esse processo se desenrola, ou seja, é preciso pensar o estatuto do religioso no âmago da sociedade secularizada como se pretende a nossa. Essa é a tarefa a que se põe Luc Ferry. Ele nos mostra que é necessário pensar o estatuto do religioso hoje, tendo em vista que o que se observa é um fortalecimento do religioso, uma busca do sagrado. Para tanto, é preciso, antes

**A secularização moderna e perspectivas filosóficas do reavivamento
do fenômeno religioso na contemporaneidade**

ALMEIDA DE OLIVEIRA, Renato

de mais nada, considerar o cruzamento de um duplo processo, qual seja, a *humanização do divino* e a *divinização do humano*.

A humanização do divino significa a tradução dos conteúdos das religiões para uma linguagem humana, laica, isto é, numa linguagem compatível com os anseios dos indivíduos concretos. É o homem sendo colocado como valor central. Essa humanização do divino, por sua vez, desencadeia o processo de divinização do humano, que significa o ressurgimento da transcendência nas relações entre os próprios homens (transcendência horizontal), ou seja, é uma espécie de transcendência na imanência. Desse modo, assevera Ferry que “é esse duplo processo que faria do humanismo contemporâneo um *humanismo do homem-Deus*. No coração desse humanismo [...] o religioso não estaria destinado a se enfraquecer, mas, ao contrário, a encontrar sua forma mais autêntica” (FERRY; GAUCHET, 2008, p. 9).

No entanto, para defender sua posição, Luc Ferry parte para uma definição precisa do que se pode entender pelo termo “religioso”, que irá desembocar na ideia da transcendência. Existe, segundo Ferry, uma ideia muito mais profunda de religioso que precisa ser considerada. É a definição do religioso que se situa no plano filosófico-metafísico e que também é procedente. É a ideia que diz respeito à relação entre o finito e o infinito, entre o relativo e o absoluto e que supera as meras definições histórica e política.

Na definição filosófico-metafísica, o religioso deve ser entendido como uma relação da finitude com o Absoluto. Na ideia de Ferry, o religioso pode ser descoberto a partir das experiências autônomas dos indivíduos, das suas experiências vividas nas quais o religioso aparece como horizonte. Tal ideia supera a definição do religioso como heteronomia. Da mesma forma como supera a ótica do religioso como pertencente ao passado, tendo em vista que “como horizonte de certas experiências vividas pelos indivíduos, ele pode perfeitamente tomar a dimensão do presente ou mesmo do futuro”. (FERRY; GAUCHET, 2008, p. 27).

Ferry expõe que essa dimensão filosófico-metafísica do religioso, ou seja, a transcendência, não significa apenas um invólucro conceitual, teórico, mas é uma dimensão legítima e incontornável da existência humana no âmago da sociedade laica, portanto, que o religioso é uma dimensão fortemente presente em nossos dias. Ele apresenta dois indícios, a saber: 1) a ideia de transcendência e 2) a noção de sacrifício.

A ideia de transcendência exposta por Ferry é a de uma transcendência como parte das experiências vividas dos indivíduos, é a “transcendência na imanência”, portanto, não como heteronomia, como externa à consciência humana. Para explicar melhor sua ideia, Ferry se vale da filosofia kantiana. Segundo ele, a teoria de Kant sobre a verdade é a primeira figura da ideia de transcendência imanente. Para Kant, a verdade se funda no domínio das representações, não é algo que ocorre na relação correspondencial entre pensamento e objeto, mas numa ligação entre as representações subjetivas que temos dos objetos, na associação entre essas representações. Nesse sentido, a verdade funda-se na imanência da subjetividade, mas que vai além das particularidades individuais, adquirindo um caráter objetivo, universal.

Além do campo epistemológico, a figura da transcendência imanente também se apresenta no campo da moral. Aqui, mais uma vez, Luc Ferry se vale do pensamento de Kant, para quem a ação moral não deve se pautar na heteronomia, nos princípios externos ao sujeito, mas na própria autonomia da subjetividade pensante que, racionalmente, dá a si seus próprios princípios de ação. Nesse sentido, a moral assenta-se sobre princípios humanos. Diante disso, Ferry expõe:

A secularização moderna e perspectivas filosóficas do reavivamento do fenômeno religioso na contemporaneidade

ALMEIDA DE OLIVEIRA, Renato

[...] é essa reviravolta que me parece fundamental para compreender a situação do religioso hoje em dia. O religioso se reintroduz no final do percurso como o horizonte das práticas humanas; é esse o sentido dos famosos postulados da razão prática, a ideia de que a moral não é fundada na religião, de que se ela o fosse seria um desastre – é, portanto, o fim do teológico-ético –, mas que, ao mesmo tempo, no horizonte de nossas ações morais não pode deixar de existir uma problemática religiosa, aquela aberta pelos famosos postulados da razão prática. (FERRY; GAUCHET, 2008, p. 31).

O que fica patente é que a dimensão do religioso, fundada na autonomia do indivíduo, está na ordem da transcendência imanente, pois assim como a moral, o religioso faz o indivíduo tender a algo a partir da autonomia de suas experiências vividas.

Portanto, assim como o pensamento, a representação não precisa de um objeto externo para que ele seja verdadeiro, mas apenas da relação entre as representações; assim como a ação não necessita de princípios externos ao sujeito para ser considerada boa em si mesma e, por conseguinte, moral, o religioso não precisa fundar-se numa transcendência externa à consciência humana, em um outro plano de existência, para ser legítimo, para existir na sociedade. Ele pode assentar-se numa transcendência imanente.

O segundo indício apresentado por Luc Ferry para demonstrar que o religioso persiste e ganha cada vez mais força na sociedade contemporânea é a noção de sacrifício, noção essa tão cara às tradições religiosas e que, segundo o autor, é algo bastante presente hodiernamente. Diz Ferry:

[...] a noção de sacrifício de modo algum desapareceu da problemática moral de nossos contemporâneos. Penso que, ao contrário, ela está presente, mas que simplesmente os motivos do sacrifício se humanizaram. [...] hoje na Europa não nos sacrificamos mais por entidades religiosas; mas, por outro lado, penso que inúmeros indivíduos estariam prontos a arriscar suas vidas para defender certo número de valores, ou, simplesmente, para defender seus próximos (FERRY; GAUCHET, 2008, p. 32-33).

A ideia de Ferry é chamar a atenção para um valor que é de uma extrema conotação religiosa e assevera “que a partir do momento em que se estabeleceram valores superiores à vida material, biológica, entre-se na esfera do religioso”. (FERRY; GAUCHET, 2008, p. 33).

Desse modo, a permanência de um princípio superior à vida material, do valor do sacrifício, no seio de uma sociedade laica, secularizada, materialista, é, para Luc Ferry, indício de que o sentimento religioso é pertinente e está sendo retomado de modo cada vez mais forte hoje.

A divinização do humano e a humanização do divino é a forma do reencantamento do mundo exposta por Luc Ferry e que, para ele, é o modo que o homem contemporâneo encontrou de superar os limites das morais laicas que se demonstraram, ao longo da história, incapazes de dar respostas, sentido, às questões existenciais da condição humana, como o envelhecimento, a morte, o tédio, a banalização da vida etc.

**A secularização moderna e perspectivas filosóficas do reavivamento
do fenômeno religioso na contemporaneidade**

ALMEIDA DE OLIVEIRA, Renato

Vattimo, por sua vez, constata que há um ressurgimento do interesse pelo religioso na contemporaneidade e tal ressurgimento ocorre numa esfera global. De uma maneira geral, durante muito tempo, os conteúdos religiosos, em nossa cultura secularizada, foram relegados ao esquecimento, considerados como um conjunto de ideias infantis das quais a humanidade precisava se libertar. No entanto, Vattimo frisa que todos nós ocidentais somos marcados por traços religiosos, especialmente cristãos, e que a secularização, com a qual pretendemos nos afastar desses traços, nada mais é do que a consequência “de uma experiência religiosa autêntica” (VATTIMO, 1998, p. 9), pois a secularização significa que estávamos ligados a um núcleo sagrado do qual pretendemos nos afastar.

Ante tal constatação, Vattimo questiona-se como se dá o regresso do religioso no mundo contemporâneo. Em primeiro lugar, ele expõe que o retorno da religião deve estar diretamente ligado à história mundana dos homens, ou seja, à sua vida concreta, real, vida esta que lhe traz diversos dilemas como o envelhecimento, a morte, a proposição de projetos de vida que podem ou não ser realizados.

[...] as ocasiões históricas que suscitam o problema da fé têm um traço em comum com a fisiologia do envelhecimento: tanto num caso como no outro o problema de Deus põe-se em conexão com o encontro de um limite, com o infligir de uma derrota. Acreditávamos poder realizar a justiça sobre a terra, verificamos que não é possível e recorremos à esperança em Deus. A morte pesa sobre nós como eventualidade iniludível, fugimos ao desespero dirigindo-nos a Deus e à sua promessa de acolhimento no reino eterno. (VATTIMO, 1998, p. 12-13).

Esta é uma primeira condição fática que faz o homem voltar a Deus, à religião. É o deparar-se com um limite físico. Além deste, nos deparamos ainda com nossos limites intelectuais para resolver os inúmeros problemas que a vida moderna nos põe. Temos ainda as “questões que dizem respeito à biotécnica, sobretudo da manipulação genética às questões ecológicas e, ainda, a todos os problemas ligados à explosão da violência nas novas condições de existência da sociedade massificada” (VATTIMO, 1998, p. 13). Além desses limites, Vattimo ainda expõe como motivo os constantes riscos globais que assolam a humanidade e põe em risco a sua existência.

O retorno do religioso é antes de mais nada motivado pela presença de riscos globais que nos parecem inéditos, sem precedentes na história da humanidade, e começou logo depois da Segunda Guerra Mundial com o medo da guerra nuclear, e hoje, que este risco parece menos iminente por causa das novas condições das relações internacionais, difunde-se o medo da proliferação descontrolada desse mesmo tipo de arma e, de uma forma mais geral, a ansiedade diante das ameaças que pesam sobre a ecologia planetária e os receios ligados às novas possibilidades de manipulação genética (VATTIMO, 2000, p. 92).

Contudo, Vattimo questiona essa busca de um Deus que serve apenas como refúgio consolador para os limites humanos. Essa atitude nos faz compreender Deus como algo oposto à

**A secularização moderna e perspectivas filosóficas do reavivamento
do fenômeno religioso na contemporaneidade**

ALMEIDA DE OLIVEIRA, Renato

racionalidade, como um ser que só se manifesta na ausência de qualquer razão. Isso é típico de uma forma primitiva de conceber a transcendência. Certamente que as condições ameaçadoras com as quais o homem contemporâneo se depara fazem-no voltar-se para Deus na busca de uma segurança, um amparo, e o próprio Vattimo reconhece isso quando diz que a questão do retorno do religioso deve estar ligada à história concreta dos indivíduos. Porém, ele também reconhece que esta não é a única condição que nos faz retornar à religião. Existe outra razão, de cunho filosófico.

Não obstante ao cenário da renovada atualidade da religião na cultura comum, Vattimo ressalta que o ressurgimento do interesse pelo religioso não se limita, de um ponto de vista sociológico, a explicações externas. Do ponto de vista do pensamento crítico/filosófico, ao contrário, o retorno vem pensado distante de cada pretensão fundacionalista e, sobretudo, leva em consideração o plano das transformações no mundo do pensamento, das teorias muito distantes da postura que concebe a religião apenas como reação aos efeitos da sociedade de massa (MAIA, 2015, p. 300-301).

A explicação filosófica está ligada às profundas transformações que ocorreram no âmbito do pensamento ocidental. O interesse filosófico pelo fenômeno religioso pode ser explicado devido ao enfraquecimento de alguns paradigmas de pensamento que se consideravam definitivos, mas que se mostraram condicionados por fatores sociais, políticos, ideológicos etc. Essa perspectiva se insere no quadro do pensamento pós-moderno, ou seja, no cenário da dissolução das formas de pensar universalistas, fundacionalistas, que tinham pretensões totalizantes. Segundo Vattimo, o mundo do pensamento passou por transformações essenciais, o que afetou, diretamente, a forma de se pensar a religião.

A verdade é que o “fim da modernidade”, ou, em todo o caso, a sua crise trouxe também consigo a dissolução das principais teorias filosóficas que julgavam ter liquidado a religião: o cientificismo positivista, o historicismo hegeliano e depois o marxismo. Hoje já não existem razões filosóficas plausíveis e fortes para ser-se ateu ou para recusar a religião (VATTIMO, 1998, p. 17).

Em termos filosóficos, as considerações de Vattimo sobre o retorno do religioso só pode ser devidamente compreendida com base nas influências de Nietzsche e Heidegger. Assevera Vattimo: “Seja como for, é daqui que parte meu discurso, que se inspira nas ideias de Nietzsche e de Heidegger sobre o *niilismo* como ponto de chegada da modernidade, e sobre a conseqüente tarefa, para o pensamento, de tomar consciência do fim da metafísica”. (VATTIMO, 1998, p. 18).

Num primeiro momento, a perspectiva vattimiana do retorno do religioso assenta-se na ideia da “morte de Deus”, anunciada por Nietzsche, que representou, para o pensamento ocidental, a morte do Deus metafísico, o fim dos fundamentos absolutos, das verdades inquebrantáveis. Este anúncio inaugurou a era no *niilismo*.

**A secularização moderna e perspectivas filosóficas do reavivamento
do fenômeno religioso na contemporaneidade**

ALMEIDA DE OLIVEIRA, Renato

A ideia de *niilismo* tem um papel central no pensamento de Vattimo sobre a religião. Mediante essa ideia, o filósofo italiano retoma formas de pensar que foram preteridas pela modernidade por serem consideradas racionalmente infundadas, como o caso do pensamento religioso, considerado pelos modernos como um pensamento mítico, ilusório, irracional, que em nada poderia contribuir para o progresso e emancipação da humanidade. No entanto, com o enfraquecimento da racionalidade moderna a partir do *niilismo*, o discurso religioso pôde retomar seu espaço na sociedade contemporânea, marcadamente pluralista. Desse modo, Gianni Vattimo concebe a possibilidade de um retorno do religioso, de uma volta ao discurso sobre Deus, porém, um Deus visto sob o prisma hermenêutico, ou seja, um Deus “que não existe como realidade objetiva fora do anúncio da salvação que, de formas historicamente mutáveis e predisposta a uma contínua reinterpretação por parte da comunidade dos crentes, nos foi feita pela Sagrada Escritura e pela tradição viva da Igreja”. (VATTIMO, 2004, p. 14-15).

Portanto, o *niilismo* inaugurado por Nietzsche, que efetuou “uma verdadeira dissolução da modernidade mediante a radicalização das próprias tendências que a constituem” (VATTIMO, 1996, p. 171) foi o ponto de partida para o retorno do fenômeno religioso, porém, um religioso sem a marca das estruturas metafísicas, pois, do contrário, seria um retorno ao fundamentalismo da metafísica moderna, o retorno de um Deus absolutizado, rígido, intolerante e violento. Nas palavras de Vattimo:

O anúncio de Nietzsche, segundo o qual “Deus morreu”, não é uma afirmação de ateísmo, como se ele estivesse dizendo: Deus não existe. Uma tese do gênero, a não existência de Deus, não poderia ser professada por Nietzsche, pois do contrário a pretensa verdade absoluta que esta encerraria ainda valeria para ele como um princípio metafísico, ou uma “estrutura” verdadeira do real que teria a mesma função de Deus da metafísica tradicional. (VATTIMO, 2004, p. 9).

A segunda influência de Vattimo ao pensar o retorno do religioso é Heidegger. Este, fazendo uma espécie de “história do ser”, entendeu este ser não como uma realidade objetiva, mas como evento, como acontecimento. O ser, portanto, em Heidegger, não é mais uma estrutura objetiva que a mente deveria espelhar, adequando-se a ela em suas escolhas práticas, mas um acontecimento que deve ser interpretado no próprio evento.

O grande mérito de Heidegger em superar a metafísica objetivista é evitar que a realidade em geral e o homem, em particular, tornem-se instrumentos, meros objetos da sociedade produtivista.

[...] a metafísica da objetividade pode ser resumida num pensamento que identifica a verdade do ser com a calculabilidade, mensurabilidade e, em definitivo, manipulabilidade do objeto da ciência-técnica. Ora, nesta concepção do ser como objeto mensurável e manipulável escondem-se as bases daquilo a que Adorno chamará o mundo da “organização total”, no qual também o sujeito humano tenderá fatalmente a tornar-se puro material, parte da engrenagem geral da produção e do consumo. (VATTIMO, 1998, p. 20).

**A secularização moderna e perspectivas filosóficas do reavivamento
do fenômeno religioso na contemporaneidade**

ALMEIDA DE OLIVEIRA, Renato

É nesse sentido que Heidegger, e Vattimo, seguindo a sua esteira, irão pensar o ser numa perspectiva distinta da metafísica. A partir daí, pode haver uma aproximação do pensamento filosófico, bem como da cultura secularizada, da religião.

Além dos limites físico e intelectual e dos riscos globais que ameaçam a humanidade, que impõem ao homem uma sensação de impotência ante a realidade, e dos fatores filosóficos, Vattimo apresenta, ainda, uma outra ideia que explica o retorno da religião hoje. Essa ideia está diretamente ligada à questão da secularização.

Portanto, o processo de secularização iniciado na modernidade não representa, para Vattimo, uma ameaça às religiões, mas significa, ao contrário do que comumente se imagina, a sua plena realização, na medida em que os conteúdos das religiões encontram espaço para se concretizarem, ou seja, passam a fazer sentido para o homem comum, no seu cotidiano, isso devido ao abandono dos pressupostos metafísicos. Nesse sentido, a secularização não representa um acontecimento antireligioso.

À luz da *kénosis*, secularização tem sentido de enfraquecimento do ser, de uma destituição de fundamentos absolutos. Se, contudo, a secularização é o modo pelo qual se atua o enfraquecimento de Deus, ou seja, *kénosis* de Deus, que é o cerne da história da salvação, ela não deverá ser mais pensada como fenômeno de abandono da religião, e sim como atuação, ainda que paradoxal, de sua íntima vocação (VATTIMO, 2004, p. 35).

Vattimo expõe, portanto, a realização da religião como parte do processo de secularização, que pode ser representada pela ideia de *Kénosis*, que é a ideia do esvaziamento, ou seja, do Deus que se despoja da sua condição divina e assume a condição humana na encarnação de Cristo. É esse despojamento, esvaziamento, o ponto fulcral da história da salvação; sem ele, a promessa cristã não teria se realizado. Portanto, o esvaziamento de Deus, ou em um pensamento paralelo, o enfraquecimento da religião como expressão do Deus absoluto, representa a própria realização da religião, agora como um espaço, um discurso, entre outros. Essa ideia marca a época pós-moderna. Nas palavras de Vattimo:

A secularização, iniciada na encarnação, continua em processo na pós-modernidade e tem como possibilidade, além de devolver à religião seu lugar central na sociedade pós-metafísica, educar o ser humano para a superação da essência originária violenta do sagrado e da própria vida social (VATTIMO, 1998, p. 41).

Diferenciando-se do pensamento moderno, que buscava resgatar a dignidade do homem, a sua supremacia, mediante a superação da religião e do seu discurso teológico, podemos ver que a filosofia de Vattimo tem como tarefa central, como problema fundamental, a defesa do humano

**A secularização moderna e perspectivas filosóficas do reavivamento
do fenômeno religioso na contemporaneidade**

ALMEIDA DE OLIVEIRA, Renato

mediante um resgate da figura de Deus, através de um retorno à religião, porém uma religião e um Deus não mais absolutizados, opressores. Essa é a experiência religiosa pós-moderna defendida pelo filósofo italiano, na qual o homem busca o sagrado motivado pela caridade, e não pelo medo, pela superstição.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma sociologia da religião**. Tradução de José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulinas, 1985. (Coleção Sociologia e Religião, 2).

CHÂTELET, François. **História da filosofia: ideias, doutrinas**. Tradução de Guido de Almeida. v. 4. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

CONDILLAC, Étienne Bonnot de. **Resumo selecionado do tratado das sensações**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984a. (Coleção Os Pensadores).

CONDILLAC, Étienne Bonnot de. **Tratado dos sistemas**. Tradução de Luiz Roberto Monzani. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984b. (Coleção Os Pensadores).

FERRY, Luc; GAUCHET, Marcel. **Depois da Religião: O que será do homem depois que a religião deixar de ditar a lei?** Tradução de Nícia Adan Bonatti. Rio de Janeiro: DIFEL, 2008.

GEYMONAT, Ludovico. **Storia del pensiero filosofico e scientifico**. 3 ed. v. 3. Milano: Gazanti, 1975.

KANT, Immanuel. “Resposta à pergunta: que é “esclarecimento”?” In: KANT, Immanuel. **Textos seletos**. Tradução de Raimundo Vier e Floriano de Sousa Fernandes. 2 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1985. (Coleção Textos Clássicos do Pensamento Humano, 2).

LECOMPTE, Denis. **Do ateísmo ao retorno da religião: sempre Deus?** Tradução de Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MAFFESOLI, Michel. “El reencantamiento del mundo”. In: **Sociológica**. n. 48, 2002.

MAIA, A. G. B. “O fenômeno do retorno da religião e a questão da secularização: uma leitura a partir da reflexão de Gianni Vattimo?”. In: MAIA, A. G. B.; OLIVEIRA, G. P. (Orgs.). **Filosofia, religião e secularização**. Porto Alegre: Editora Fi, 2015.

MANDIANES, Manuel. “Reencantamiento del mundo”. In: **Sociedad y Utopía**. n. 8, 1996, pp. 137-148.

**A secularização moderna e perspectivas filosóficas do reavivamento
do fenômeno religioso na contemporaneidade**

ALMEIDA DE OLIVEIRA, Renato

MURDOCK, Graham. “The re-enchantment of the world: religion and the transformations of modernity”. In: HOOVER, Stewart. **Rethinking media, religion and culture**. London: Sage Publications, 2000.

PATY, Michel. **D’Alembert**. Tradução de Flávia Nascimento. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2005. (Coleção Figuras do Saber).

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

PIERUCCI, Antônio Flávio. “Reencantamento e dessecularização: a propósito do auto-engano em sociologia da religião”. In: **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, n. 49, 1997, pp. 79-119.

RANQUETAT JÚNIOR, Cesar Alberto. “Reflexões antropológicas sobre a religião na modernidade: declínio ou reconfiguração do religioso?” In: **Revista Interações**. v. 4, n. 5, pp. 99-110, 2009.

TAYLOR, Charles. “O que significa secularismo?” In: ARAÚJO, L. B. L.; MARTINEZ, M. B.; PEREIRA, T. S. (Orgs.). **Esfera pública e secularismo: ensaios de filosofia política**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

TAYLOR, Charles. **Uma era secular**. Tradução de Nélio Schneider e Luzia Araújo. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2010.

VATTIMO, Gianni. **Acreditar em acreditar**. Tradução de Elsa Castro Neves. Lisboa: Relógio D’água, 1998.

VATTIMO, Gianni. **Depois da cristandade**. Tradução de Cynthia Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade: hermenêutica e niilismo na cultura pós-moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1996

VATTIMO, Gianni. “O vestígio do vestígio”. In: VATTIMO, G.; DERRIDA, J. (Orgs.). **A religião: o seminário de Capri**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.